



PROJETO PROFISSÃO: PREVENÇÃO

Projeto incentiva acesso de profissionais do sexo a serviços de saúde

Sexta-feira, quase nove horas da noite. Enquanto muita gente se arruma para sair, o carro do Grupo Pela Vidda está prestes a chegar a algum ponto de prostituição em São Paulo. No veículo, dois agentes do Projeto Profissão: Prevenção levam preservativos, gel lubrificante e material informativo sobre prevenção de doenças sexualmente transmissíveis (DST) e HIV para distribuir a homens, mulheres e travestis profissionais do sexo.

“Além de gel e preservativos, levamos informação sobre direitos básicos, que a maioria não conhece. Incentivamos a acessar os serviços de saúde e a fazer o teste de HIV principalmente as pessoas que chegaram à cidade recentemente, população que mais temos encontrado nos locais de prostituição”, relata Paulo Rogério da Silva, assistente de coordenação do projeto.

Com frio ou chuva, Paulo, João e Marcos revezam-se em duplas nas noites de quarta, quinta e sexta-feira, das nove da noite até a madrugada. Em cada turno, uma dupla percorre dois locais diferentes nas regiões de Santana, Barra Funda, Centro e Indianópolis. “Encontramos as mais variadas demandas. Uma mulher da região de Indianópolis é mãe de dois filhos, está grávida do terceiro, mas só saber fazer programa. A gente busca uma reinserção pela educação ou por outras vias, mas é complicado. Na maioria das vezes, o meio de socialização em que ela está é o que a acolhe melhor”, pondera Paulo.

João Batista sente certa frustração. “Vemos que mesmo com a facilidade de acesso ao preservativo e ao gel, ainda assim ocorrem condutas de risco. Essa mulher engravidou uma vez, engravidou uma segunda vez e já está grávida pela terceira vez. Ela relatou que o filho é do companheiro, com quem não usa preservativo, mas garantiu que se previne no trabalho. Porém, estamos cientes de que o uso relatado no trabalho é relativo”, diz.

Há muitos relatos, também, de mulheres que reclamam dos clientes. "Às vezes, elas ficam no ponto duas, três horas sem sair com um cliente quando, então, aparece alguém oferecendo mais dinheiro para fazer um programa sem camisinha. Independentemente do risco, tanto para ele quanto para ela, o cliente insiste em transar sem camisinha. Para que elas se protejam dessa situação, orientamos a utilizar a camisinha feminina de uma forma discreta", relata Paulo. "Tivemos relatos de duas meninas que se protegeram dessa maneira e foram bem sucedidas com os clientes. O uso abusivo do álcool acaba tirando a sensibilidade e a pessoa muitas vezes nem percebe direito o que está fazendo", acrescenta João. "Isso também é frustrante, porque prova que o cliente não está preocupado. Por mais que se faça um trabalho pesado com informação sobre o risco das DST e da aids, mesmo assim ainda observamos que tem gente que pensa que a aids só acontece com o vizinho", diz Paulo, desolado. "O problema para alguns desses homens é a falta de ereção. Eles não conseguem ter ereção usando preservativo, principalmente se fizeram uso de álcool ou de outra droga", explica.

O trabalho de prevenção com homens profissionais do sexo é ainda mais difícil. Não porque eles atualmente se

concentrem na região da Rua do Arouche, mas porque são mais arredios do que as mulheres ou as travestis. "É uma população à qual temos muita dificuldade de acesso porque geralmente eles querem apenas uma cartela, ou um único preservativo", queixa-se João.

"Já tentamos fazer uma rotatividade de horários para termos uma noção da quantidade de pessoas que frequentam o local nos diferentes períodos. Se vamos mais cedo, a rua está vazia. Depois da meia-noite existe um público que parece não ter sexo como objetivo. Na madrugada a coisa é mais agitada, parece um 'baladão'. O horário em que vamos para a rua é quando as profissionais do sexo estão voltadas para o trabalho", explica Paulo.

A população mais acessada pelos agentes do Projeto Profissão: Prevenção foi a de travestis, com 67%, do total. O restante divide-se em mulheres (26%) e homens (7%). A região em que eles distribuíram mais material foi a de Indianópolis, que recebeu 26%. Santana recebeu 23% e o Centro, 14%. "Temos esses números porque todo material ou insumo é contado. Numa planilha, marcamos com um X na coluna de cada tipo de material ou de insumo distribuído, dividido por região", relata Paulo.

Apesar das dificuldades, Paulo diz que o trabalho é enriquecedor. "Elas nos ensinam muito. Não sofremos nada perto da experiência de violência que elas têm vivido nas ruas, porque o desrespeito aos direitos é total. A começar da polícia, que deveria protegê-las, independentemente do que estão fazendo ali, até a própria vizinhança, que joga ovo, briga e ofende", finaliza.

"Na maioria das vezes, o meio de socialização que ela está é o que a acolhe melhor"



Pela Vidua
 Grupo Pela Valorização, Integração e
 Dignidade do Doente de aids - SP
 Projeto Profissão: Prevenção

